



O Corpo Interminável, de Claudia Lage: Uma Experiência de Leitura

Francisca Luana Rolim Abrantes¹; José Edilson de Amorim²

Resumo: O artigo apresenta uma experiência de leitura com *O corpo Interminável*, de Claudia Lage, realizada com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do Método Receptional. Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: a) O romance de Claudia Lage pode levar o aluno a ter uma visão crítica acerca da relação da mulher com a Ditadura Militar? b) Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados na narrativa em estudo? c) De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nessa obra? Para embasar nosso estudo, utilizamos Bordini e Aguiar (1988) Colling (1997), Rosa (2013), entre outros. Como resultado, constatamos que os alunos tiveram uma visão bastante significativa acerca da relação da mulher com a ditadura, bem como do protagonismo dos sujeitos femininos na luta contra o regime.

Palavras-chave: Militância feminina e Ditadura; Método Receptional; Formação do leitor; Claudia Lage.

O Corpo Interminável, by Claudia Lage: A Reading Experience

Abstract: The article presents a reading experience with *O corpo interminável*, by Claudia Lage, carried out with students of the 2nd year of high school from the Reception Method. The questions that motivated our research were: a) Can Claudia Lage's novel lead the student to have a critical view of the relationship between women and the Military Dictatorship? b) How are the acts of torture of the female body portrayed in the narrative under study? c) How are the conflicts of the militant characters configured in this work? To support our study, we used Bordini and Aguiar (1988), Colling (1997), Rosa (2013), among others. As a result, we found that the students had a very significant view of the relationship between women and the dictatorship, as well as the role of female subjects in the struggle against the regime.

Keywords: Women's Militancy and Dictatorship; Reception Method; Reader training; Claudia Lage.

¹ Doutoranda e Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PPGLE). E-mail: luanarolimabrantes@gmail.com.

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor associado da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com atuação na Unidade Acadêmica de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE). E-mail: edilsondeamorim@hotmail.com.

Introdução

Não é demais lembrar como as mulheres foram banidas da História, e também da História do Brasil, o que se constata acompanhando os livros didáticos e os diversos textos destinados à formação dos jovens (ROSA, 2013, p.14).

Durante o governo militar no Brasil, muitas mulheres foram mortas ou desapareceram por atuar de modo ativo nas lutas de resistência contra esse sistema de opressão. Apesar de representarem uma quantidade menor que os homens, elas participaram de associações, comunidades eclesiais de base, chegaram a empunhar armas nas atuações contra o regime vigente e engajaram-se na luta pela Anistia. Embora tenham participado de movimentos contra a Ditadura Militar, percebe-se que a história da participação da militância feminina contra o autoritarismo brasileiro ainda aparece silenciada na maioria das narrativas ficcionais, uma vez que são retratadas apenas como coadjuvantes, e não como guerrilheiras, que souberam “lutar, resistir e encontrar seus próprios espaços, produzindo seus saberes e afirmando ousadamente estilos libertários e feministas de existência” (RAGO, 2013, p.16).

Por ir contra o governo autoritário e, principalmente, por integrar os movimentos pela liberdade e democracia, as mulheres sofreram não só graves torturas em seus corpos, como também foram obrigadas a viver em clandestinidade. Inclusive, a dimensão de tamanhas barbaridades cometidas às militantes só foi descoberta a partir da Comissão Nacional da Verdade (CNV) que, ao escutá-las, obteve informações acerca desse período e dos diversos tipos de torturas praticadas por aqueles que sustentavam o regime militar. Conforme Rosa (2013), as militantes sofriam tanto as punições ligadas à participação no movimento de resistência, quanto às ofensas decorrentes dos estereótipos relacionados aos papéis e comportamentos das mulheres. Eis a citação da autora:

[...] as mulheres não eram acusadas somente por serem terroristas, mas acusadas duplamente por serem terroristas e mulheres: uma combinação infame para a repressão. Desde o momento da prisão até o horror da sala de torturas, estavam nas mãos de agentes masculinos fiéis às performances de gênero, que utilizavam a diferença como uma forma a mais para atingir as mulheres (ROSA, 2013, p.59).

Reportando às palavras de Rosa, percebe-se que, ao se envolverem nas lutas políticas, as mulheres foram vítimas duplamente afetadas pela repressão política, enfrentando o machismo de origem patriarcal e sendo alvos diretos de violações sexuais, torturas psicológicas e físicas. Colling (1997, p.379) ressalta que a sexualidade e a identidade social da mulher eram

postas em questão e utilizadas como forma de reprimi-la: “a mulher que se mete em atividades políticas, ou é uma prostituta à procura de homens, já que os partidos políticos são espaços de atuação masculina, ou é homossexual, ocupando espaços masculinos”.

Nessa mesma perspectiva, Rago (2013, p. 16) destaca a importância de se estudar as lutas de resistência à Ditadura Militar, empreendidas pelas mulheres como uma tentativa de resgatar as vozes silenciadas e esquecidas e, ao mesmo tempo, analisar as inverdades oficiais a elas relacionadas, bem como mostrar a singularidade dessas militantes que “[...] souberam lutar, resistir e encontrar seus próprios espaços, produzindo seus saberes e afirmando ousadamente estilos libertários e feministas de ousadia”.

Diante dessas reflexões iniciais, este artigo se propõe apresentar uma experiência de leitura com *O corpo Interminável*, de Claudia Lage, realizada com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do Método Receptional. Cabe salientar que nossa intervenção de leitura foi realizada no decorrer de 17 aulas, com duração de 50 minutos.

Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: a) O romance de Claudia Lage pode levar o aluno a ter uma visão crítica acerca da relação da mulher com a Ditadura Militar? b) Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados na obra em estudo? c) De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nessa obra?

A narrativa em exame aborda não só a tentativa de apagamento dos horrores perpetrados pela ditadura, o desconhecimento de algumas pessoas acerca desse período, o “trauma sequencial”, o papel colaboracionista por parte da sociedade para manter o regime, mas também a violência imposta ao corpo feminino e as experiências vividas pelas presas políticas tanto nas salas de torturas, na clandestinidade quanto no momento de morte.

Natural do Rio de Janeiro, Claudia Lage além de ser escritora, graduada em Letras, formada em Teatro, é Mestre em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC e roteirista. A autora estreou na vida literária no ano de 2000, com a publicação do livro *A primeira morte e outras naturezas*, cuja obra reúne 13 contos que retratam, com bastante sensibilidade, as experiências emocionais (neurose, culpa, angústia, entre outras) dos sujeitos fictícios.

Além dessas obras, Lage publicou, em 2009, *Mundos de Eufrásia*, um romance baseado em fatos reais que aborda o empoderamento da mulher frente a uma sociedade extremamente patriarcal e racista. Embora seja bastante consagrada no universo literário, tenha ganhado

alguns Prêmios, como *Literatura de Brasília e Portugal Telecom*, notamos que essa autora ainda é pouco estudada na academia.

Quanto à natureza dessa pesquisa, pode-se afirmar que ela é de caráter exploratório, uma vez que está centrada nos posicionamentos subjetivos dos educandos em relação ao romance em estudo. Para embasar nossa pesquisa, utilizamos Bordini e Aguiar (1988), Colling (1997), Rosa (2013), entre outros.

O corpo interminável em sala de aula

A experiência de leitura do romance de Claudia Lage deu-se a partir das etapas principais do Método Recepcional. Para sondar o horizonte de expectativa dos alunos, aplicamos uma *autobiografia de leitor* (Rouxel, 2013), a fim de saber se os alunos conheciam alguma narrativa que configurasse a militância feminina na luta contra a ditadura.

Ao aplicar esse tipo de atividade, constatamos que os educandos além de não conhecerem esse tipo de Literatura, também tinham pouca experiência com as obras literárias. Nesse sentido, antes mesmo de iniciar a leitura do romance de Claudia Lage, fizemos um momento de sensibilização leitura com o conto ‘*Sobre a natureza do homem*’, de Bernardo Kucinski.

Nesta etapa, lemos, juntamente com os alunos, não só o conto em estudo, mas também refletimos sobre a narrativa. Em seguida, propiciamos um debate literário com a turma, envolvendo questões importantes que permeiam o texto, tais como: a) De que fala o conto de Kucinski? b) O que acontece com Maria Imaculata, personagem principal desse conto? c) Como era a personagem antes de ser torturada? d) Por que a narrativa é intitulada “Sobre a natureza do homem”? e) O que vocês pensam sobre a seguinte afirmação de Kucinski: “o homem nasce bom e se torna malvado com o tempo ou já nasce com maus instintos?” (KUCINSKI, 2014, p.27). f) O conto termina com o narrador afirmando que o filho de Imaculata, de apenas 4 anos, vingará a doença da mãe. Como vocês analisam o posicionamento dessa criança?

Escolhemos essa narrativa de Kucinski para trabalhar com os alunos porque além de ela possuir uma linguagem acessível à turma e de configurar as barbaridades do autoritarismo brasileiro, esse conto poderia levar os discentes não familiarizados com esse período histórico a “[...]sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar” (KUCINSKI, 2014, p.5).

Concluído esse momento, seguimos para o *atendimento do horizonte de expectativa do leitor*. Nesta etapa, apresentamos a obra *O corpo interminável* e, em seguida, falamos um pouco sobre a autora, as obras produzidas por ela e alguns prêmios literários que ganhou. Fizemos essa breve apresentação por entendermos o quanto é importante o aluno conhecer um pouco da trajetória literária da escritora com que iríamos trabalhar em sala de aula.

Vale salientar que, antes de os alunos começarem a ler o romance, dividimos a turma em 3 grupos, conforme a divisão dos capítulos da obra, a saber: *distâncias, presenças e [corpos]*. Optamos por trabalhar a narrativa de Claudia Lage dessa maneira porque seria uma forma de envolvê-los com a leitura, bem como conseguir trabalhar todo o romance em sala de aula. Mesmo fazendo essa divisão, deixamos claro que todos os discentes deveriam realizar a leitura integral do livro em casa e, a cada encontro na sala de aula, um grupo ficaria responsável pela discussão de um capítulo da obra.

Após enfatizar isso, alguns alunos afirmaram que, talvez, não tivessem tempo livre, em casa, para realizar a leitura do texto em estudo, porque alguns tinham que ajudar os pais nos afazeres domésticos; outros por conta das atividades escolares, etc. Em meio a estes desafios, sugerimos aos educandos que tentassem organizar o tempo deles para realizar a leitura da obra.

Ao finalizarmos essas orientações, começamos a ler, de maneira coletiva, o primeiro capítulo da obra intitulado de *Distâncias*, cuja história narra o momento em que a mãe de Daniel é presa e obrigada pelo regime militar a entregar o filho para seu Sebastião, o avô da criança.

Neste momento, notamos que os alunos estavam bem concentrados na leitura do romance, apenas uma aluna estava de cabeça baixa, sem a cópia do livro em estudo e pouco interessada na leitura da obra. Na oportunidade, cada discente leu uma página do capítulo. Além disso, quando estava faltando alguns minutos para a aula acabar, pedimos-lhes que continuassem a leitura da narrativa em casa. Após isso, um aluno fez o seguinte questionamento: “Professora, durante a aula, a gente só leu. Por que você não escreve no quadro?”.

Ao escutar a indagação do discente, informamos-lhe que a intenção da experiência de leitura era, justamente, propiciar um momento diferenciado com a obra, onde toda a turma pudesse não só compartilhar suas percepções leitoras, mas também refletir sobre a militância feminina, a forma como o regime agiu sobre os corpos das militantes, sobre os traumas provocados às vítimas da ditadura, a tentativa de apagamento desse período, etc.

Ao levar em consideração a pergunta do aluno, nota-se que ele estranhou a forma como foi conduzida a leitura da narrativa de Claudia Lage porque estava acostumado a um ensino tradicional de literatura em que pouco se discutem as obras literárias. Além disso, ao dar continuidade a nossa experiência, percebemos que, de toda a turma, apenas dois discentes realizaram a leitura do romance em casa. Essa resistência inicial dos alunos frente à leitura do romance de Claudia Lage deu-se devido aos seguintes fatores:

1. A formação literária dos educandos foi bastante precária, pois não tiveram uma vivência com as mais diversas obras literárias. Logo, não estavam acostumados a ler romances em sala de aula, sobretudo, com uma estrutura narrativa em que prevalecem múltiplas vozes e tempos distintos;
2. Os alunos inseridos na experiência estavam acostumados a uma cultura do imediatismo, ou seja, a leitura de textos curtos veiculados nas redes sociais. Como o romance é uma leitura densa, com termos mais complexos, exige um conhecimento linguístico mais apurado e um conhecimento de mundo mais amplo. Embora essa experiência não tenha sanado esse problema, contribuiu com o início de um processo de ampliação de leitura literária.
3. A falta de um horário específico para realizar a leitura das obras, bem como estudar os conteúdos das demais disciplinas. Essa problemática ficou bem evidente em nossa experiência, pois alguns alunos estavam realizando os exercícios de outros componentes curriculares durante o momento da leitura do romance de Claudia Lage;
4. A imaturidade da turma em relação aos estudos. Através de conversas com os discentes e com alguns professores, constatamos que a grande maioria da turma estava cursando o ensino médio apenas para receber o benefício do Bolsa Família, o que é bastante preocupante, pois muitos do que ali estavam logo, logo iriam concluir a educação básica e, em seguida, encerrar os seus estudos.

Diante dessa situação, restou-nos apenas aproveitar o máximo possível do tempo que tínhamos para aplicar nossa pesquisa e, assim, envolver os discentes com a leitura do romance em estudo. Assim sendo, buscamos levá-los até a biblioteca da escola para lermos o romance. Tal estratégia foi pensada com o intuito de levar a turma a um espaço em que não estivesse tão habituada, onde a sala fosse propícia para a leitura do texto literário.

Ao retirá-los de uma sala para a outra, constatamos que os discentes ficaram não só empolgados com a ideia de ler a obra de Claudia Lage na biblioteca da escola, como também fizeram questão de chamar os outros alunos, que estavam fora da sala, para participar da experiência de leitura.

À medida que líamos a narrativa, buscávamos conversar um pouco sobre o que estava sendo discutido no capítulo. Como a obra apresenta uma multiplicidade de vozes em espaços e

tempos diferentes, buscamos, no decorrer dessa leitura compartilhada, identificá-las, a fim de compreender melhor o que estava sendo narrado em cada capítulo do livro.

Cabe ressaltar que, durante a leitura do romance, grande parte dos discentes usava não só o celular para acessar as redes sociais, como também deixava de participar da aula para realizar atividades de outras disciplinas. Ao percebermos essa postura dos jovens estudantes, pedimos-lhes que priorizasse, naquele instante, apenas a leitura do romance. No entanto, nossa solicitação não foi acatada pelos educandos, pois continuaram fazendo as atividades.

Também disponibilizamos a obra de Claudia Lage aos alunos em dois formatos: *PDF* e impresso. Na oportunidade, criamos um grupo no *WhatsApp* intitulado *Literatura e Ditadura*, cujo objetivo principal era tanto mantê-los informados sobre os dias de nossas aulas, quanto fazer a mediação leitora da narrativa em estudo. Além disso, sempre que passávamos algumas orientações no grupo, nós enviávamos uma mensagem de estímulo à leitura, fizemos um marcador de páginas e entregamos a cada educando para que, assim, eles pudessem se situar no momento da leitura.

Mesmo fazendo essa mediação leitora, envolvendo ferramentas digitais do dia a dia do aluno, sentimos que eles estavam desestimulados, sem fôlego para continuar a leitura do romance. Nesse sentido, pensando nessas dificuldades durante nossa intervenção de leitura e, principalmente, na estrutura da narrativa de Claudia Lage, elaboramos algumas questões norteadoras que abarcavam a narrativa, a saber: 1. Quem fala nesse capítulo? 2. Que tempo está sendo narrado? 3. Onde Daniel conhece Melina? 4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe? 5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*? 6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel? 7. Por que o avô do personagem não gostava de falar sobre a filha? 8. Na obra, Melina declara que os seus pais viveram em uma época como se vivessem em qualquer outra, ou seja, sem se importar com o que estava acontecendo politicamente com o país, com as mortes ocasionadas aos/ às militantes, com o sumiço de pessoas que lutavam contra o governo, etc. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

O intuito principal dessa atividade foi levar os alunos não só a entender a obra, o tempo em que estava sendo narrado a história, o enredo, o contexto da narrativa em estudo, os conflitos vividos pelos personagens principais e as diversas narrativas fragmentadas que retratam cenas de mulheres militantes sendo presas, torturadas e mortas pelos agentes da repressão, mas também despertar a atenção deles para a leitura na narrativa.

Mesmo diante de todos os percalços, conseguimos concluir a leitura da narrativa com os alunos em sala de aula. No entanto, observamos que grande parte da turma teve dificuldade em compreender algumas passagens da obra, como por exemplo, o momento em que os torturadores retiram a criança da barriga da presa política sem anestesiá-la. Nesse trecho, os alunos ficaram com dúvidas se essa personagem seria a mãe de Daniel ou uma outra militante e o que os agentes da repressão tinham feito ao bebê.

Já no capítulo [*corpos*], que configuram as dificuldades da maternidade para uma presa política vivendo em clandestinidade, os alunos ficaram, novamente, sem saber se a presa política, cuja cicatriz na barriga trazia marcas de uma cesariana, seria a mãe de Daniel ou uma outra guerrilheira; o que tinha acontecido com a criança, visto que a militante não se recorda do filho, e se o bebê seria irmão do protagonista do romance. Os educandos também não souberam identificar quem seria a mulher morta na fotografia que estava nos objetos dos pais de Melina. Para eles, esse registro poderia configurar tanto a cena da morte da mãe de Daniel, quanto de outra militante.

Estas dúvidas que os discentes tiveram no momento da leitura eram esperadas por nós, pois sabíamos que a obra de Claudia Lage exigia não só um nível maior de compreensão leitora, como também demandava mais tempo para fazer uma releitura minuciosa dos capítulos abordados.

Desse modo, a fim de ajudá-los a chegar a essas respostas, sugerimos que voltassem à leitura do romance, especificamente, aos capítulos que traziam essas passagens para que, nas aulas seguintes, pudéssemos discuti-las. Ao propor essa releitura, sentimos uma grande resistência por parte da turma, pois muitos alunos tornaram a afirmar não ter disponibilidade para fazer essa leitura extraclasse, visto que já tinham outros compromissos, como: atividades, trabalhos, provas relacionadas às disciplinas e alguns afazeres domésticos.

Tendo em vista esta situação, propomos que fizessem a releitura, em sala de aula, dos capítulos da obra que não estavam compreendendo. Tal proposta foi acatada pela turma. Em seguida, realizamos um debate a partir das inquietações dos alunos nas aulas seguintes, o que foi bastante proveitoso, pois eles interagiram e teceram comentários interessantes acerca da obra. No decorrer dessa conversa, os discentes pontuaram que, possivelmente, a mulher grávida, que havia sido torturada na sala de prisão, poderia, sim, ser a mãe de Daniel, já que ela teria sido levada pelos militares para o DOPS. Por outro lado, também pontuaram que a mulher torturada poderia ser uma outra militante.

No tocante ao sumiço do bebê da presa política, os educandos afirmaram que essa criança poderia ter sido morta ou levada para adoção. Ao afirmar isso, uma aluna declara: “Interessante, professora, a narrativa também não deixa claro se o bebê da militante era um menino ou uma menina. Só sabemos que ela teve a criança na prisão. Além disso, não sabemos quanto tempo a presa política fica na cadeia”.

Em relação à fotografia da mulher morta encontrada nos objetos do pai de Melina, a turma afirmou que, provavelmente, a militante morta seria Júlia, a mãe do protagonista. A discussão dos discentes foi bastante enriquecedora para a compreensão da narrativa de Claudia Lage. Como o romance apresenta muitas rasuras, nota-se que a leitura dos alunos faz sentido, já que a obra configura a experiência de militantes nas mais diversas situações de violência física, psicológica e de resistência ao governo autoritário.

No tocante ao título da narrativa, percebe-se que os educandos conseguiram entender o porquê de a obra ser intitulada *O corpo interminável*. Conforme alguns alunos, o romance recebeu esse nome porque “seria uma metáfora a todos que morreram defendendo o que acreditavam”, “por causa dos traumas ocasionados aos personagens” e “porque as pessoas sumiam do nada, eram torturadas e mortas, e ninguém sabia o que acontecia com essas militantes”.

As respostas dos educandos estão de acordo com o título da narrativa, já que, possivelmente, a intenção da autora foi mostrar que os traumas ocasionados às vítimas da repressão continuam reverberando em seus familiares, amigos e companheiros(as), bem como retratar as fraturas do corpo feminino, como o expoente de todos os espaços históricos, políticos, sociais e psicológicos.

Após a conclusão da leitura da narrativa, partimos para o *questionamento do horizonte de expectativa do leitor*. Nesse momento, os alunos responderam uma atividade composta por 10 perguntas que os levavam a refletir sobre o regime militar brasileiro, sobre memória, esquecimento e trauma sequencial, sobre a relação da mulher com a ditadura, a forma como as guerrilheiras eram representadas na narrativa de Claudia Lage e a violência praticada contra os corpos delas, como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 1- Questionando o horizonte de expectativa do leitor.

1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?
2. De que forma a mulher é configurada no romance <i>O corpo interminável</i> ?
3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?
5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca do seu pai?
6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?
7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?
8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?
9. Por que o livro é intitulado <i>O corpo interminável</i> ?
10. Leiamos o fragmento a seguir: [...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei. Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (Lage, 2019, p. 57-58). a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”? b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror? A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte. Por que ela faz essa declaração?

Fonte: Abrantes e Amorim (2021).

Ao analisar as respostas dos educandos, percebemos que eles conseguiram entender o contexto de violência e repressão representado na obra estudada. Quanto à forma como a mulher é configurada no romance de Claudia Lage, nota-se que dos dez discentes que responderam ao questionário, apenas um aluno consegue compreender o protagonismo das mulheres nos atos de resistência contra o autoritarismo brasileiro; os demais apenas afirmam que as militantes eram sofredoras.

Mesmo não compreendendo, no plano textual, a participação das militantes frente às atrocidades do governo autoritário, notamos que os educandos entenderam como agia a ditadura militar sobre os corpos das presas políticas. Vejamos o que diz o seguinte aluno: “Os atos de

tortura praticados aos sujeitos femininos são retratados no romance de Claudia Lage com choques na vagina e nos seios, quando elas estavam grávidas eles usavam torturas psicológicas (você não vai ter esse filho vagabundo), quando elas iam dar à luz eles abriam a barriga delas sem anestesia em um lugar, imundo”. Um outro discente também afirma que “elas eram xingadas o tempo todo por serem mulheres”.

Além de os alunos compreenderem a forma como o regime atuava sobre os corpos das mulheres, percebemos que eles chegam à conclusão de que, por serem sujeitos femininos, as militantes estavam expostas às mais diversas violências impostas ao gênero, sobretudo, porque negavam o papel que lhes foi imposto pela sociedade. Conforme um aluno: “elas tinham que lutar contra o preconceito, para poderem ser livres e serem tratadas de forma justa, sem sofrer tanto”.

Os educandos também destacam que as mulheres não tinham medo dos agentes da repressão, pois mesmo sabendo que podiam ser presas, torturadas e mortas, elas buscavam resistir à violência de Estado. Para um aluno: “as personagens, na narrativa, sofrem, lutam e tentam sobreviver ao máximo”.

No tocante ao conflito vivenciado pelas militantes, observamos que os educandos não entenderam os desafios impostos aos sujeitos femininos na luta contra o autoritarismo brasileiro, tais como os desajustes familiares, o sentimento de medo, o abandono involuntário dos filhos, o desamparo diante da justiça e a necessidade de manterem-se incógnitas para proteger a vida e os familiares da violência do regime.

Observa-se também que os discentes não perceberam os desafios da maternidade enfrentados pelas militantes que viviam de maneira clandestina, tampouco não assimilaram a relação de uma rede de apoio entre os sujeitos femininos, como forma de enfrentar tanto o sistema autoritário, quanto de resistir às atrocidades práticas pelo regime.

Outro ponto que merece destaque, diz respeito às diversas violências que as militantes sofrem na prisão. Embora os alunos afirmem que elas são expostas a vários tipos de opressão, não destacam a forma como a mulher é vista e tratada pelos militares, ou seja, como putas, sapatonas, sujeitos desviantes da moral e dos bons costumes.

Por outro lado, afirmamos que eles assimilaram o trauma sequencial vivenciado pelo protagonista da narrativa em estudo. Segundo os discentes, Daniel além de ficar muito triste por não saber o que aconteceu a sua mãe, por não conseguir lidar com o silenciamento do avô frente ao desaparecimento de Júlia, também busca reconstruir seu passado, a fim de descobrir

a sua verdadeira história. Além disso, um outro educando faz a seguinte ponderação: “ele é um homem triste, traumatizado”;

Nesta busca incessante do personagem por esse passado desconhecido, os educandos também declararam que Olívia, a irmã paterna de Daniel, foi uma peça crucial na narrativa, pois é ela quem o ajuda a desvelar um pouco da história entre Fernando (o pai do personagem em estudo) e Júlia, bem como o que levou cada um a seguir caminhos diferentes.

Em relação ao silenciamento do avô de Daniel acerca do passado de Júlia, os alunos declaram que o personagem não gostava de falar sobre o passado da filha porque se sentia culpado por ter denunciado o grupo de militantes do qual sua primogênita fazia parte. De acordo com Orlandi (2007, p.47), o silêncio pode assumir vários significados em relação à história solitária do sujeito. Para essa autora: “o silêncio significa esse “nada” se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam”.

Ao dialogar com Orlandi, nota-se que os alunos percebem o silêncio do avô de Daniel como uma forma de enfrentar o trauma por ter perdido uma filha que tanto amava. Para os discentes: “ele ainda sentia muito por sua filha porque não sabia o que tinha acontecido com ela”.

Ao analisar as respostas dos discentes acerca da narrativa em estudo, percebemos que eles compreenderam não só a violência autoritária imposta às pessoas que ousavam reagir à ditadura, a forma como o regime militar usou o poder para torturar as mulheres e apagá-las ao longo de nossa história, como também destacam a resistência do sujeito feminino em relação às opressões práticas pelos militares.

Após concluir a discussão da narrativa, seguimos para a *ampliação do horizonte de expectativa do leitor*. Para esse momento, preparamos pipoca e reunimos a turma na sala de vídeo da escola para ver *Torre das donzelas* – um documentário produzido em 2018, que configura a história de várias mulheres presas e torturadas pelo regime no Presídio Tiradentes, localizado em São Paulo.

À medida que os discentes iam assistindo à obra cinematográfica, percebíamos o semblante de espanto por parte de alguns deles em relação aos relatos das ex-presas políticas. Inclusive, na cena em que uma das mulheres fala sobre os choques sofridos nas partes íntimas, uma aluna tece o seguinte comentário: “Nossa, não sei como elas conseguiam aguentar tamanha violência!”.

Quando o documentário acabou, nós pedimos para que cada educando falasse um pouco sobre o filme que acabaram de ver. Nesse momento, uma aluna declara: “Professora, o relato dessas mulheres é bastante importante, pois nos faz perceber a força feminina em prol da luta contra o regime militar. Embora os homens tenham sido torturados, nota-se que as militantes sofriam bem mais”.

Após concluir sua fala, uma outra educanda afirma: “Era muita crueldade o que o regime fazia com as mulheres. Dar uma injeção para petrificar o leite da mãe, sem contar que após alguns meses, elas também não podiam ficar com seus bebês naquele espaço”. Outro ponto que chamou bastante atenção dos discentes, em *Torre das donzelas*, foi a questão da dessexualização das militantes. Conforme alguns alunos, a mulher não precisava mudar sua fisionomia, vestindo-se como homem para atuar na luta política.

Uma aluna também destacou as agressões verbais sofridas pelas presas políticas no documentário como algo bastante difícil de aceitar. Conforme a educanda: “ser tratada como puta por defender seus direitos constituições, por assumir uma postura diferente da que o patriarcado lhes impõe é algo muito forte e inadmissível, professora. Se hoje é difícil ser mulher numa sociedade machista, imagine no tempo da ditadura. Essas mulheres foram muito corajosas”.

Ao escutar isso, uma outra educanda afirma: “sinceramente, professora, não sei se eu teria tanta coragem de arriscar a minha vida assim. Essas mulheres tinham muita força, pois mesmo sabendo que poderiam ser afastadas de seus familiares e filhos, ser presas, torturadas, estupradas e mortas ainda continuavam enfrentando o regime militar”.

Ao longo desse debate, um aluno também afirma: “Muito do que aconteceu nesse período é negado nos dias de hoje, pois ainda há pessoas que insistem em dizer que os militares não usaram o poder para oprimir e matar os que se rebelavam contra o sistema. Em seguida, ele destaca: “Professora, interessante que, tanto na narrativa, quanto no documentário, fica claro para nós que a tentativa de esquecimento desse período é bastante proposital. Inclusive, no romance, Melina destaca dois pontos importantes que nos faz pensar na tentativa de esquecimento desse passado: 1. O fato de os pais terem vivido numa época imune ao que ela traz; 2. De as pessoas estarem em um estádio contentes com seus times jogando, mas sem saberem que, nesse espaço, acontecia diversos tipos de violência praticadas pelo regime militar”.

Além de destacarem esses pontos, uma outra aluna ressalta: “O depoimento das mulheres no documentário é bastante importante, pois é uma forma não só de reafirmar as barbaridades cometidas pelo regime, como também de perceber o tipo de governo que não podemos mais aceitar para governar o nosso país, de desmentir determinados discursos que estão presentes na nossa sociedade”.

Através das falas das educandas, observa-se que esse documentário contribuiu para a ampliar o conhecimento da turma sobre esse período histórico, a atentiva de apagamento desse dado momento, bem como compreender o protagonismo das mulheres na luta contra o regime militar e os obstáculos que a violência política lhe impôs, já que tiveram dificuldades de entender essa militância feminina e os conflitos que abarcam as diversas vozes presentes na narrativa de Claudia Lage.

O relato das militantes também ajudou os alunos a perceberem que, “[...] embora a nudez e a tortura nos órgãos genitais fossem constantes para homens e mulheres no momento da tortura, o estupro é utilizado especificamente contra mulheres” (Rosa, 2013, p.59). Enfim, a leitura do romance levou os discentes a perceber a relevância de conhecer esse passado de graves violações de direitos humanos para que essas experiências de governos autoritários não mais se repitam em nosso país.

Considerações finais

A partir da experiência de leitura realizada com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, constatamos que os alunos conseguiram ter uma visão crítica e reflexiva acerca da relação da mulher com a ditadura, bem como do protagonismo dos sujeitos femininos na luta contra o regime. Mesmo diante dos percalços encontrados no tocante à pouca leitura e à falta de interesse dos educandos pelo texto literário, conseguimos não só atingir os objetivos a que nos propusemos nesta pesquisa, mas também envolvê-los com a narrativa em estudo.

Através das leituras e discussões acerca da obra de Claudia Lage, os discentes perceberam que os atos de tortura contra o corpo feminino foram retratados na narrativa por meio das seguintes torturas físicas: unhas arrancadas das militantes, as presas políticas eram violentadas duplamente por meio de choques elétricos em suas partes íntimas, espancadas, estupradas e mortas pelo regime; os agentes da repressão aproveitavam-se da fragilidade das guerrilheiras que estavam grávidas para aplicar métodos ainda mais agressivos, como por

exemplo, retirar a criança da barriga da gestante sem anestesia, bem como deixá-las sujas por um longo período de tempo, sem que pudessem ter direito à higienização pessoal. Acerca desse último, um aluno chegou a destacar a seguinte passagem: “Ela sabia, o plano era deixá-la na imundície, a barriga crescendo na imundície, se formando na imundície, filho da porcaria, diziam, ia nascer do lodo, esse era o plano, ela via nos olhos” (LAGE, 2019, p.92).

Os alunos também pontuaram as torturas psicológicas e verbais praticadas contra as presas políticas, a saber: as guerrilheiras eram chamadas pelos torturadores de vagabundas, putas, ordinárias; quando estavam grávidas, os agentes da repressão diziam que não iam parir, que a criança nasceria morta e utilizavam ratos e baratas para torturá-las, a fim de que pudessem revelar os nomes das outras pessoas que militavam contra o autoritarismo brasileiro.

Quanto aos conflitos vivenciados pelas militantes, nota-se que os discentes tiveram dificuldades de identificá-los, no entanto, a partir do debate, entenderam que, ao optar pela militância, as guerrilheiras eram discriminadas não só pela sociedade, mas também pelos seus pais; como viviam de maneira clandestina, tinham medo de a qualquer momento serem descobertas por aqueles que colaboravam com o regime. Logo, precisavam mudar seus nomes, o endereço, a roupa, “tornar-se invisível socialmente e morrer para o mundo[...], usar mensagens codificadas, [...] passar por privações emocionais e físicas” (ROSA, 2013, p.49), tais como: a solidão, o sentimento de impotência diante das lutas contra o regime, o afastamento de filhos, de seus companheiros, amigos, parentes mais próximos, etc.

Além disso, é interessante ressaltar que o documentário *A torre das donzelas* os ajudou a compreender tanto os conflitos vivenciados pelas militantes, o protagonismo do sujeito feminino na luta contra o regime, a violência de gênero à qual estavam submetidas, quanto a dessexualização vivenciada pelas guerrilheiras nesse espaço de militância e resistência, fazendo, dessa maneira, um paralelo com o romance em estudo.

Também é importante destacar que pudemos realizar essa experiência de maneira exitosa porque estávamos bem aparelhados teoricamente e escolhemos uma metodologia significativa que prioriza tanto a participação ativa do aluno, os seus pontos de vistas quanto os conhecimentos de mundo dos educandos adquiridos ao longo de suas vivências pessoais e interpessoais.

Enfim, finalizamos essa intervenção de leitura, certos de que esse trabalho não se esgota aqui, com a esperança de ter contribuído, de alguma forma, com a área dos estudos literários, sobretudo com o ensino de Literatura de autoria feminina sobre ditadura, promovendo, dessa

maneira, tanto a formação do jovem leitor no ensino médio, quanto reflexões necessárias junto aos alunos e professores da área de Linguagem sobre uma “[...] política de esquecimento que ainda paira sobre nossa história recente, encobrendo os crimes da ditadura civil-militar,[...] do machismo estruturante que embota o imaginário social brasileiro, acostumado a protagonistas homens, e não mulheres”(MERLINO; BORGES, 2019, p.17).

Referências

BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana. Sobre romper décadas de silêncio. In: *Heroínas desta história: mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura*. BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2014

LAGE, Cláudia. *O corpo interminável*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas de silêncio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”*. São Paulo: Intermeios; Faspesp, 2013.

ROUXEL, Annie, Langla de Gércud, REZENDE, Neide L. de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

TORRE das donzelas. 2018. Brasil. Direção de Susanna Lira. Documentário. Filme com Duração de 97min.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

ABRANTES, Francisca Luana Rolim; AMORIM, José Edilson de. *O Corpo Interminável*, de Cláudia Lage: Uma Experiência de Leitura. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2024, vol.18, n.71, p. 280-295, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 16/05/2024; Aceito 22/05/2024; Publicado em: 31/05/2024.